

Introdução

Simone de Beauvoir, em "O segundo sexo", questiona o significado de ser mulher em uma sociedade machista e sexista. Ela destaca que a cultura molda a identidade feminina, e historicamente, já que as mulheres foram subjugadas e tratadas como subalternas.

Por outro lado, Conceição Evaristo, uma escritora afrodescendente, emerge como uma voz influente na literatura brasileira contemporânea. Ela aborda a construção da identidade feminina na sociedade brasileira, com um enfoque especial na mulher negra. Evaristo é reconhecido por cunhar o termo "escrivência" e sua poesia é uma denúncia da condição dos afrodescendentes.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo reexaminar o papel da mulher na sociedade. Para isso, analisaremos os poemas "Eu-mulher" e "Vozes mulheres" de Evaristo, enfatizando a contribuição significativa das mulheres negras na construção da nação brasileira. Além disso, destaca como sua obra desafiou o sexismo e o etnocentrismo que durante muito tempo silenciaram as vozes femininas na literatura brasileira.

"Não se nasce mulher, torna-se mulher²": a construção do feminino na sociedade

O papel da mulher na sociedade tem sido rediscutido constantemente ao longo da história. Muitos foram os protestos que galgaram as conquistas das mulheres nas sociedades machistas e sexistas ao redor do mundo. As maiores justificativas para mantê-las na condição de submissas basearam-se sempre em argumentos que alegam ora sua fragilidade, pois o termo "'mulher' se tornou sinônimo de 'mãe' e 'dona de casa', termos que carregavam a marca fatal da inferioridade (Davis, 2016, p. 30)", ora sua pouca capacidade em exercer os papéis até então delegados apenas ao sexo masculino. Para Schmidt (2000, p.86):

[...] as mulheres, desde sempre destituídas da condição de sujeitos históricos, políticos e culturais, jamais foram imaginadas e sequer convidadas a se imaginarem como parte da irmandade horizontal da nação e, tendo seu valor atrelado a sua

¹ Professora de língua portuguesa e língua espanhola do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo. E-mail: cleoamorim@gmail.com

² Frase clássica de Simone de Beauvoir retirada de seu livro *O Segundo Sexo* (1980).

capacidade reprodutora, permaneceram precariamente outras para a nação [...] (Schmidt, 2000, p.86).

Para eliminar a imagem diminuída da mulher construída durante a colonização e formação da nação brasileira e se integrarem plenamente na sociedade, as mulheres lutaram pelo direito de voto e seu lugar na história (Davis, 2016).

Essa luta se torna mais desafiadora ao considerarmos a questão racial, já que as mulheres negras, herdeiras de uma história racista, enfrentam uma batalha ainda mais árdua por seus direitos na sociedade. Elas também combatem estereótipos, reivindicando sua voz e identidade plural como parte essencial da construção histórica e social do país.

Durante a colonização do Brasil, as mulheres negras escravizadas eram exploradas tanto quanto os homens nas tarefas, pois eram vistas como unidades de trabalho lucrativas, desprovidas de gênero. O discurso racial as reduzia a reprodutoras lucrativas, pois os proprietários de escravos viam nelas uma fonte de lucro significativo por meio da venda de seus filhos (Davis, 2016).

Além disso, as escravas desempenhavam papéis exaustivos como trabalhadoras domésticas, realizando todas as atividades da casa e prestando serviços como babás e amas de leite para os filhos de seus senhores. Essas funções foram, por muito tempo, atribuídas exclusivamente a mulheres negras, perpetuando estigmas sociais.

as mulheres negras [...] após a Abolição dos escravos, continuariam trabalhando nos setores os mais desqualificados recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento. Sabemos que sua condição social quase não se alterou, mesmo depois da Abolição e da formação do mercado de trabalho livre no Brasil. Os documentos oficiais e as estatísticas fornecidas por médicos e autoridades policiais revelam um grande número de negras e mulatas entre empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de rua e prostitutas [...]. (Rago, 2004, p.487)

Entretanto, não acabava aí a barbárie da exploração feminina negra, Davis (2016, p. 25), nos relembra que,

as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2018, p.25).

O estupro era uma forma de “colocar as mulheres negras em seu lugar” (Davis, 2016, p. 40), reduzi-las à condição de fêmeas e de objeto sexual para desfrute de seus proprietários.

Eram apenas mulheres para serem usadas, diferente das mulheres brancas que eram eleitas para construir as famílias tradicionais escravocratas.

A condição de escrava sexual de seus proprietários rendeu ainda à mulher negra uma falsa “promiscuidade sexual” que foi promulgada dentro da história, e obscureceu a situação das mulheres negras durante a escravidão. Por não seguirem as normas “brancas” de sexo somente depois do casamento religioso, e por, na maioria das vezes, serem obrigadas a juntarem-se aos parceiros de maneira conveniente para os seus donos, as famílias constituídas pelos negros eram facilmente e cruelmente dissolvidas pelos senhores para que fossem vendidos separadamente e gerassem o lucro almejado por suas vendas. Mulheres negras eram apenas objetos de desejo e lucro para a sociedade escravocrata.

O retrato da mulher negra na literatura canônica brasileira

A visão deturpada da sexualidade feminina negra perdurou por anos e foi inclusive retratada nos livros didáticos, que ilustram a miscigenação da nação como algo simplório, assim como “maquiam” os abusos sexuais, transformando-os em ferramentas necessárias para a construção plural de nossas identidades, bem como figuraram também na literatura brasileira, que por décadas reproduziu figuras caricaturais negras femininas totalmente desprovidas de feminilidade e apenas reduzidas à condição de objeto sexual, como podemos, por exemplo, observar na descrição hipersexualizada da personagem Rita Baiana, no romance *O cortiço* (1881), de Aluísio Azevedo.

Rita é uma mulata baiana que mora no cortiço de João Romão, uma personagem que mantém um relacionamento amoroso com Firmo, um mulato capoeirista, ela é uma mulher bastante independente e que não gosta de ser manipulada, conforme podemos observar nos fragmentos a seguir:

No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (Azevedo, 1998, p.51).

Casar? protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! (Azevedo, 1998, p.51).

Na cena acima, o narrador descreve a personagem, que após alguns dias ausentes retorna ao cortiço. Nela podemos observar impressões sensoriais e descrições físicas que

sensualizam a personagem como “odor sensual” e “atrevido e rijo quadril”, bem como em suas falas ela se mostra independente, de maneira que não cede a homem nenhum, pois enxerga no matrimônio uma espécie de escravidão.

Nas cenas descritas na sequência, há o retratar das impressões estarrecedoras que Rita causa em Jerônimo, um português, casado, e que mais tarde mantém um relacionamento extraconjugal com Rita.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. [...] os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; [...] Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, tirilando (Azevedo, 1998, p. 66).

[...] ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca (Azevedo, 1998, p. 67).

Rita Baiana é descrita dançando em uma roda de samba no cortiço, com tons eróticos, seminua e movimentos frenéticos que lembram o ato sexual, despertando o desejo de Jerônimo (Azevedo, 1998, p. 156 apud Ricardo, 2018, p.11).

Duarte (2010, p.24) menciona que a representação da mulata na literatura brasileira é marcada pelo estereótipo da mulher fornicária, noturna e carnal, avatar da meretriz. Na obra de Azevedo, vemos a idealização da mulata brasileira como sedutora, manipuladora e posteriormente desfrutável, refletindo preconceitos raciais e de gênero da sociedade da época. A personagem Rita Baiana também confirma a subordinação dos negros aos brancos e a supremacia masculina na sociedade patriarcal e escravagista (Azevedo, 1998).

É importante mencionar "O Cortiço" como exemplo do nacionalismo romântico da literatura brasileira até o século XIX, que reflete padrões eurocêntricos de classe, raça e gênero, excluindo a figura da mulher negra (Schmidt, 2000). Ainda sobre a literatura brasileira do século XIX, Schmidt (2000, p. 89) destaca que:

Num período em que a literatura se constituiu como signo de valor e repositório de identidade de uma cultura que buscava se legitimar como tal, através de uma imagem de autonomia, coesão e unidade, nasciam as determinações que produziram o corpus oficial da literatura brasileira, ou seja, o cânone literário. Seu poder de

conferir representatividade à narrativa nacional foi forjado e mantido pelo esquecimento de memórias subterrâneas, recalcadas pela submissão à abstração das diferenças. (Schmidt, 2000, p.89),

Cabe ainda mencionar que as obras pertencentes ao século XIX retratavam um Brasil que anulava toda a possibilidade de uma identidade heterogênea, pois acreditava-se que havia a necessidade de manter uma essência única que não poderia absorver as culturas “subalternas” dos povos colonizados, pois seria impossível que a elite brasileira admitisse qualquer vínculo de sua herança cultural associado à figura do indígena ou do negro. A literatura brasileira era a construção da memória nacional que sempre destacava a figura do colonizador como herói que desbravou, conquistou e civilizou selvagens.

Toda e qualquer literatura produzida nesta época devia, portanto, refletir a concepção do Brasil como um “estado-nação, cuja identidade imaginada se processa sob o signo da elitização, masculinização e branqueamento da cultura como critérios de civilização.” (Schmidt, 2000, p. 88). As que não se encaixavam nesse padrão não eram consideradas narrativas autorizadas e, portanto, eram silenciadas. Para Schmidt (2000, p.89):

Talvez essa seja uma das explicações para o silêncio e a exclusão de nossas escritoras da historiografia literária, da moderna tradição crítica e da história das idéias no Brasil, já que mostrar o país, na perspectiva de muitas delas, era problematizar as bases das ideologias masculinas de nação (Schmidt, 2000, p.89).

Criava-se, assim, a necessidade de resgatar essa literatura silenciada e dar voz ao *Outro*, ao diferente, aquele a quem foi negligenciada a história.

O ecoar das vozes-mulheres negras na literatura afrobrasileira: a escrevivência de Conceição Evaristo

A partir do século XX, vieram à tona dentro da literatura brasileira figuras como Maria Firmino dos Reis, que em seu Romance *Úrsula* (1859), desnudou a questão da identidade nacional e mostrou o quanto o discurso estereotipado do colonizador produziu uma falsa brasilidade que representava o discurso patriarcal do estado-nação.

No romance *Úrsula* (1859), Maria Firmino dos Reis, deu voz a personagens negros que pela primeira vez desconstruíam as figuras caricaturais que vinham sendo disseminadas na literatura brasileira e, também, pôs em destaque a figura feminina que se mostra insatisfeita com o seu papel na sociedade. Para Juliano Carraput Nascimento (2009, p.6):

Na urdidura do referido romance, duas manifestações de identidade cultural se impõem à caracterização das personagens: a condição crítica do negro africano e a

situação subalterna da mulher. A ideologia e a estética formam a originalidade do romance como forma narrativa do século XIX no Brasil.

Maria Firmina dos Reis articula a sua enunciação negra a partir da própria construção discursiva do romance: em *Úrsula*, o negro possui características morais elevadas, como a coragem, a lealdade e a bondade; tem vontade própria, tem lugar de fala e respeita seus próprios códigos de conduta. A partir do ponto de vista da mulher africana escravizada (personagem Susana), o texto engendra uma concepção profunda de liberdade, projetada na memória da experiência na terra de origem. (Nascimento, 2009, p.6)

Maria Firmino dos Reis é uma precursora da literatura afrobrasileira e feminina. Para entender essa forma peculiar de literatura, é importante considerar o conceito de literatura afro-brasileira, que surgiu em torno de 1970 no Brasil. Essa literatura é marcada por um “eu enunciador” que se identifica como negro e com origem africana (Silva, 2016, p.29).

Inicialmente, esse eu enunciador autodeclarado negro era chamado de "afro-brasileiro", pois, de acordo com Liebig (2003, p. 21), esse termo era politicamente correto para descrever pessoas de "raça negra" nascidas no Brasil. A partir da década de 1980, o termo "literatura afrobrasileira" passou a ser associado à produção literária de autores negros brasileiros, substituindo a antiga designação de "literatura negra". No entanto, ambas as denominações coexistem atualmente (Silva, 2016, p. 29).

Lobo (2007, p.331), enfatiza a importância de que a literatura afro-brasileira seja produzida por afro-brasileiros, a fim de romper com a representação folclórica e estereotipada do negro na literatura em geral.

Diante desse contexto, a produção de Conceição Evaristo na literatura brasileira contemporânea se destaca pela urgência e relevância em dar voz e identidade aos afrodescendentes dentro da literatura canônica. Para Duarte e Lopes (2019, s.p),

Conceição Evaristo vem trazendo a público, desde o início dos anos 90, uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. De início, destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória – afetiva ou étnica –, como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou histórico-sociais, e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever textualmente a realidade social e cultural dos afro-descendentes. Essa voz se faz audível ao abordar os aspectos da vida cotidiana da mulher, com seus dilemas e angústias, diante de uma sociedade marcada pelos valores patriarcais. (Duarte e Lopes, 2019, sp).

A poesia de Evaristo marca o que Djamila Ribeiro (2017), chama de lugar de fala das mulheres negras, que “por não serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (Ribeiro, 2017, p.39). Para Ribeiro, as mulheres negras são o “Outro do outro”, ou seja, não são definidas em si, mas a partir da visão filosófica beauvoriana que a define em comparação ao homem, através do olhar deste e confinada a um

papel de submissão hierarquizada, e ainda mais subjugada, pois está abaixo das mulheres brancas na pirâmide social (Pereira, 2018, p.154).

O lugar de fala da poética de Evaristo demarca lugares, dá voz ao diferente, faz o uso do criativo para desmontar “o mito da fragilidade feminina e mostra que a identidade reivindicada de mulher negra se constitui como sujeito transgressor, histórico e político” (Pereira, 2018, p.155).

Nesse contexto, passaremos à análise dos poemas selecionados neste artigo, a fim de destacar como a poética de Conceição Evaristo evoca o lugar de fala da mulher e como ela dá suporte à voz da mulher afrodescendente.

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
Me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
Violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes vivo

Antes - agora - o que há de vir.
Eu fêmea matriz.
Eu força-motriz.
Eu mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

(EVARISTO, *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2017, p.23)

Evaristo inicia o poema com um "eu-mulher" que se posiciona como sujeito da enunciação, destacando a singularidade feminina e mencionando temas como maternidade e menstruação. Ela abordou as dificuldades que as mulheres enfrentam para expressar suas verdades e desejos, muitas vezes sendo julgadas como inferiores.

Há um contraste entre o natural (gerar, amamentar e menstruar) e o direito à fala tolhido devido ao gênero feminino. Evaristo destaca a luta silenciosa das mulheres contra o machismo, que tenta silenciar suas vozes.

Ela enfatiza que as mulheres são autoras da vida, dando à luz em meio a "rios de sangue". A referência à voz das mulheres como um incômodo para o mundo destaca a luta contínua das mulheres contra o machismo.

O poema ressalta a importância da mulher como a "fêmea matriz" que gera e renova a humanidade, sendo o motor da roda da vida. Evaristo se posiciona como porta-voz das mulheres, exigindo respeito pela força que representam, apesar de serem muitas vezes desmerecidas como "sexo frágil".

Ainda no contexto de possibilitar à mulher o direito à fala, buscamos agora a análise do seguinte poema:

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda ecoa, versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora
Na voz da minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida liberdade.

(EVARISTO, *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2017, p.24-25)

No poema referido, o eu poético incorpora e simboliza várias vozes que representam suas raízes e experiências. Essas vozes incluem sua bisavó escrava, cuja infância foi roubada

pela escravidão; sua avó, subjugada pelos brancos proprietários; sua mãe, que, mesmo após a libertação, pediu pobreza e exploração; e sua própria voz de infância, marcada pela fome devido à escassez de recursos.

O eu lírico personifica essas vozes em sua filha, unindo passado, presente e futuro para ecoar o direito fundamental à vida e à liberdade. Este direito, conquistado com lutas e protestos ao redor do mundo, representa uma união de experiências silenciadas ao longo da história das mulheres.

Considerações finais

Neste artigo, abordamos a questão da representatividade e voz da mulher negra na literatura feminina, contextualizando sua evolução histórica na sociedade e na literatura canônica brasileira. Além disso, analisa-se o papel da literatura afrobrasileira em empoderar a mulher negra, transformando-a em um agente ativo com voz militante.

Concentramo-nos na obra de Conceição Evaristo, especialmente em seus poemas "Eu-mulher" e "Vozes-mulheres", que ilustram seu compromisso em narrar as vivências das mulheres afrodescendentes, incentivando o fortalecimento de suas identidades e autoestima.

Davis (2016, p. 23), destacou a relevância de elucidar as experiências históricas das mulheres negras escravizadas como base para justificar a atual luta dessas mulheres em busca de emancipação.

A poesia de Evaristo alinhava-se a essa missão, integrando-se à literatura negra ou afrobrasileira, que ocorre a experiência comum de discriminações enfrentadas por um grupo que buscava expressar sua subjetividade (Silva, 2016, p. 37). Sua escrita desafiou a concepção tradicional que retratava a mulher como um objeto da literatura brasileira, concedendo-lhe voz como sujeito da enunciação, como ilustrado nos poemas analisados.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 1998 (Coleção L&PM Pocket). Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-livro-o-cortico-aluisio-azevedo-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisangela Aparecida. *Conceição Evaristo: literatura e identidade*. Literafro, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr12EduardoeElisangela.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

DUARTE, E. A. *Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala. 2010.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

LIEBIG, Sueli Meira. *Dossiê Black & branco: literatura, racismo e opressão nos Estados Unidos e no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 2003.

LOBO, Luiza Leite Bruno. *Crítica sem juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, Ed. Revista, 2007.

JESUS, Jéssica F. Oliveira de; CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli; SANTOS, Silvana Martins Dos. *Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo*. Revista Estudos Feministas. vol. 26 , n.3, out, 2018.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, Artur Oriel. *O que é lugar de fala?*. Resenha. Rev. Leitura, teoria e crítica, São Paulo Alegre, v. 36, n. 72, p.153-156, mar, 2018.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. (p. 484-508)

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

RICARDO, Jailsa Rodrigues da Silva. *O retrato das mulheres negras na obra O cortiço e as perspectivas emancipadoras na contemporaneidade*. 23 fls. Artigo (Especialização em Sociedade Política e Cidadania- Olhares Transdisciplinares) – Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2018.

SILVA, Elen Karla Sousa da. *Errância e reescrita da identidade negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. 129 fs. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.

SCHMIDT, Rita T. “Mulheres reescrevendo a nação”. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.8. n. 1, p. 84-97, jan. 2000.